

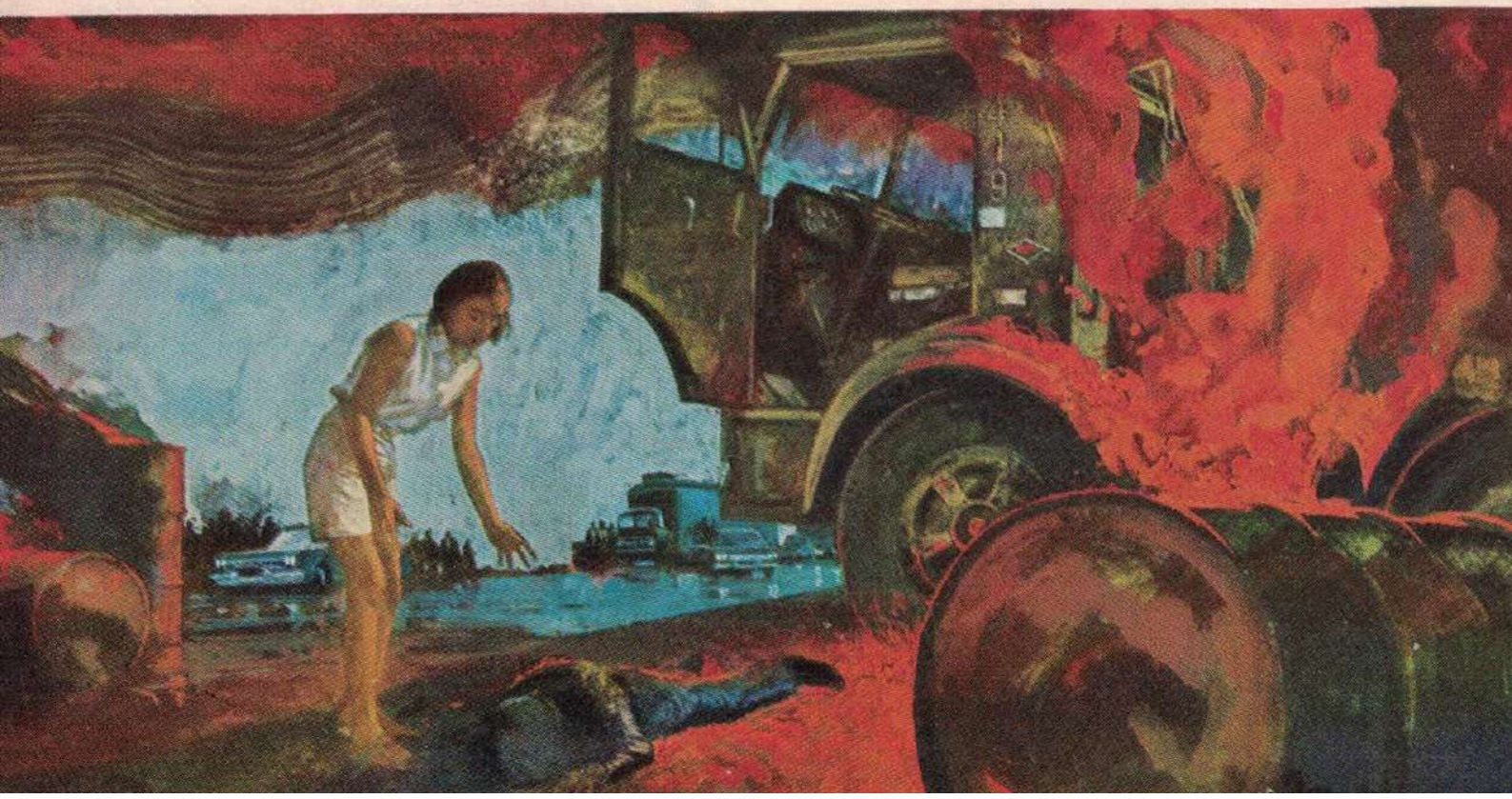
POUCO DEPOIS do meio-dia de 12 de outubro de 1972, o atarracado motorista Allen Martin, de 25 anos, moderou a velocidade do seu caminhão, numa estrada da Geórgia, e tomou a direção nordeste. A estrada estava congestionada, naquela tarde de 3.^a feira, e o nevoeiro e a chuva a tornavam escorregadia e traiçoeira. Mas Martin não estava preocupado. Tinha apenas 110 quilômetros a percorrer. Logo estaria em casa, em Columbia, na Carolina do Sul, trabalhando na casa-de-campo que estava construindo na propriedade dos seus pais.

Quando Martin estava quase chegando, a uns cinco quilômetros a oeste de Columbia, notou um desses caminhões de bojo redondo se movendo lentamente, carregado com tambores de gasolina de 200 litros. Acendendo seu pisca-pisca, passou para a faixa da esquerda, e come-

*Ela tinha pavor de fogo,
mas, a não ser
que alguém interviesse,
e imediatamente, o motorista
de caminhão ficaria ardendo,
entre as chamas, até a morte*

TREVOR ARMBRISTER

Salvo das Chamas



çou a ultrapassagem. De repente, um Pontiac azul passou como um relâmpago, e cortou rente, à sua frente. Martin, instintivamente, deu uma guinada para o lado — e esbarrou no caminhão.

O caminhão capotou e, depois de um giro completo, foi parar, de pé, na faixa central da estrada. Enquanto rolava, um dos tambores de gasolina se soltou. A gasolina derramou sobre o veículo e o chão, e explodiu em chamas. Martin foi atirado contra o pára-brisa, e tombou inconsciente.

A menos de um quilômetro do acidente, uma mulher, Naomi Clinton, de 35 anos, dirigia um Cadillac verde, em direção a sua casa, em Camden, na Carolina do Sul. Gerente de um restaurante, elegante e de cabelos ruivos, ela voltava de uma viagem de negócios à Flórida, com seu patrão, Dexter Baxley, de 53 anos. Baxley já tinha sofrido vários ataques de coração, e era ela, quase sempre, quem guiava em seu lugar. Depois de seis dias fora de casa, Naomi estava ansiosa para ver de novo seu marido, Bob, e os três filhos.

À distância, eles viram o rolo de fumaça negra. «Deve ser um desastre», disse Baxley. Em poucos segundos, estavam junto do acidente, e Naomi sentiu calafrios pela espinha. O caminhão estava engolfado em chamas de mais de três metros de altura. Naomi tinha pavor de fogo. Seus pais tinham perdido duas casas, devoradas pelas chamas, escapando com vida por pouco. Seu irmão tinha ficado gravemente quei-

mado em outro incêndio. Ela teve a tentação de seguir adiante. Mas, pelo menos, três tambores de gasolina estavam em chamas no chão. Com medo de que pudessem explodir enquanto passasse, ela diminuiu a marcha, e tomou lugar numa fila de carros.

Não havia carros de polícia à vista. Umas 20 pessoas estavam paradas, assistindo à cena. Aproximando-se de um grupo, Naomi perguntou se o motorista tinha escapado. «Ele ainda está lá», disse uma mulher.

Através do redemoinho de fumaça e fogo, Naomi reparou em algo que lhe parecia ser uma pilha de cascalho, a cerca de dois metros do desastre. Línguas de fogo lambiam-lhe os lados. De repente, o «cascalho» começou a se mexer. Uma cabeça humana se levantou, como se procurasse auxílio, e depois caiu outra vez. «Oh, meu Deus!», gritou Naomi. «Há um homem estendido ali. Por favor, amigos, me ajudem!»

Vestida apenas com uma blusa, *short* e sandálias, ela correu em direção da fumaça e das chamas. O pesadão Baxley tentou segui-la. Lembrando-se de seus ataques de coração, Naomi voltou, empurrou-o, e lhe disse que ficasse onde estava. Depois continuou.

«Volte!», gritou alguém. «Os tambores vão explodir.» Um homem correu atrás dela, e a agarrou pelo braço. «Não vá para lá!», gritou ele. Libertando-se, ela continuou avançando. A fumaça incomodava seus olhos, e ela começou a sufocar. O

calor era intenso. O homem agarrou de novo seu braço, e tentou arrastá-la para trás. Naomi rodopiou, deu um puxão com o braço liberto, e pediu ao homem que a seguisse. Ele se recusou. «Se não quiser ajudar, que se dane, mas me deixe ir lá!», disse ela.

Baxley, ainda no chão, compreendeu que Naomi fizera o que devia, empurrando-o. Seus médicos tinham-lhe dito que não corresse, e que não carregasse um peso superior a um ou dois quilos. Mas o que poderia Naomi fazer sozinha? Ela não agüentava mais do que 50 quilos. Pondo-se de pé, com esforço, solicitou aos presentes que fossem ajudá-la.

«Está quente demais lá dentro», disse um homem. «Não teríamos chance», replicou outro. «Por favor», suplicou Baxley. Ninguém se mexeu.

Martin estava deitado, de bruços, tentando se desviar das chamas. Naomi podia ouvir seus débeis pedidos de socorro. A grama em seu redor estava em chamas. Os tambores de gasolina ardiam a apenas poucos metros da sua cabeça. Alcançando o motorista, ela percebeu que as calças e o blusão cáqui que ele trazia estavam ardendo. Ela o segurou pelos braços, e estava exatamente começando a arrastá-lo para fora quando ouviu o barulho.

Um dos tambores explodiu, pensou ela. Mas tinha sido um dos pneus do caminhão. Pedacos de borracha queimada lhe bateram no braço descoberto e no pescoço.

Martin abria a boca para falar, mas nenhum som se ouvia. Puxando com uma força que não supunha possuir, Naomi o arrastou lentamente para fora das labaredas. Suas calças e jaqueta ainda ardiam. Naomi caiu sobre ele, e as chamas se apagaram.

Então, alguns dos espectadores foram em seu socorro. Dois homens agarraram Martin pelos braços. Naomi levantou os pés dele e, juntos, carregaram-no em direção aos carros, e o estenderam de bruços. Naomi trouxe um travesseiro do Cadillac, e o colocou sob a cabeça de Martin. Reparou então numa ferida, do tamanho de uma moeda, aberta na cabeça do homem, de onde o sangue escorria.

«Alguém chamou a polícia? Uma ambulância?», perguntou Naomi. «Será que alguém tem uma caixa de primeiros-socorros?» Uma mulher correu para o seu carro, e voltou com a caixa. Enquanto a mulher entregava as ataduras, Naomi enfaixava a ferida. Martin se contorcia com dores.

Por fim, chegou uma ambulância, e os enfermeiros colocaram Martin na maca. Com as sirenes tocando, a ambulância disparou. O patrulheiro Henry L. Cumbie começou suas investigações sobre o acidente. Naomi respondeu a diversas perguntas. Então, a exaustão a dominou. «Sentei-me», disse ela. «Alguém me pegou pelo braço, e eu tentei pôr-me de pé, mas minhas pernas pareciam fugir. Não podia dar um passo sequer.»

Durante os dois dias que se seguiram ao acidente, Naomi Clinton sentiu-se frustrada. Suas lesões (queimaduras no pescoço, braços e pernas) não eram graves, mas ela estava muito preocupada com a sorte do estranho a quem tinha ajudado. Contudo, não sabia o seu nome, nem para onde a ambulância o tinha levado. Telefonou para os hospitais de Columbia, mas não obteve nenhuma informação. Não encontrou nada nos jornais sobre o acidente.

Então, num domingo de manhã (três dias depois do acidente), a mãe de Martin, sua avó e tia bateram à porta de Naomi. A patrulha da estrada tinha-lhes relatado todo o salvamento. Elas queriam lhe agradecer. Allen, disseram elas, estava em situação crítica, e sob intensos cuidados, no Hospital Richland Memorial. Queimaduras de 2.º e 3.º graus cobriam suas costas e pernas. Seriam necessários enxertos de pele. Ficava inconsciente quase todo o tempo.

A partir daquela tarde, Naomi passou a visitar o Richland Memorial freqüentemente. Martin melhorava aos poucos. No dia 19 de outubro, ele saiu da lista dos casos críticos e, um mês depois, deixou o hospital. Embora algumas queimaduras tivessem cicatrizado mais lentamente do que se esperava, e seus olhos

lhe estivessem causando problemas, tinha agora um novo emprego, e parecia estar em vias de recuperação.

Entretanto, como o caso do salvamento se espalhasse, ela começou a receber telefonemas e cartas de todo o país. O governador da Carolina do Sul, John West, outorgou-lhe a Ordem do Palmeto, a condecoração mais alta do estado. A Comissão Carnegie do Fundo Para o Herói, de Pittsburgh, galardoou-a com uma das poucas medalhas de prata que já concedeu. Junto com essa medalha, veio um cheque de mil dólares, que Naomi fez questão de dividir com a família de Martin.

O melhor dos presentes de Naomi, contudo, chegou alguns dias depois de ter descoberto a identidade de Martin. No fim de uma tarde, quando ela visitava o hospital, a mãe de Martin lhe disse: «Ele está consciente. Quer vê-la.» Naomi Clinton se aproximou da cama. Martin abriu os olhos. De repente, levantou-se, agarrou a mão dela, e a colocou entre as suas.

«Deus a abençoe», disse, e começou a chorar.

«Não fale», disse Naomi Clinton. «Você precisa ficar sossegado. Não posso ficar aqui se você falar.»

Ela apertou a mão dele, e depois se afastou. Não queria que visse que ela estava chorando também.



UMA GAROTA solteira passou quase toda a tarde de sábado preparando um jantar para um amigo *gourmet*. Ele o comeu com evidente prazer e, no fim, disse: «Esta me pareceu uma das melhores refeições que já comi. Vamos ver agora se o meu organismo será da mesma opinião.»

— *Tribune*, de Minneapolis

66 Entre Aspas 99

SE VOCÊ pudesse vender sua experiência pelo que ela custou, nunca precisaria depender da aposentadoria.

– E. F.

ESTAMOS praticamente arruinados pelo conformismo, é verdade; mas, sem ele, estaríamos inteiramente arruinados.

– C. D. W.

NOSSAS memórias são como cartões de fichário – consultados e recolocados fora de ordem por autoridades que não controlamos.

– C. C.

PODEMOS reduzir a velocidade nas auto-estradas para economizar algumas gotas de combustível – o que nunca faríamos, para economizar algumas vidas.

– L. O.

AS CRIANÇAS não são coisas que devem ser modeladas, mas pessoas a serem desabrochadas.

– J. L.

UM LIVRO verdadeiramente bom é algo tão exuberantemente natural e primitivo, misterioso e maravilhoso, fértil e delicioso, como um fungo ou um líquen.

– Henry David Thoreau

JUVENTUDE é quando você põe a culpa de todos os seus problemas nos pais. Maturidade é quando você aprende que tudo é culpa da nova geração.

– H. C.

A MATURIDADE começa quando nos contentamos em sentir que temos razão a respeito de alguma coisa, e não sentimos necessidade de provar que os outros estão errados.

– S. J. H.

O CORPO é a bagagem que temos de carregar por toda a vida. Quanto mais excesso de bagagem, mais curta a viagem.

– A. H. G.

PARA ENSINAR todos os homens a dizer a verdade, seria necessário ensiná-los também a ouvi-la.

– Samuel Johnson

A ÚNICA coisa que realmente funciona numa casa velha são as pessoas que vivem nela.

– B. P.